

**CORDEL**  
**A MERITOCRACIA É UMA MENTIRA!**

**AUTOR: FABIANO GUMIER COSTA**



**JOÃO PESSOA, PARAÍBA, 2023**

**Copyright© Fabiano Gumier Costa, 2023**  
**Todos os direitos reservados.**

**Autor: Fabiano Gumier Costa**  
**Capa e Diagramação: pelo autor**

**Imagens da capa: estilização de frames do filme**  
**“Tempos Modernos” (1936) de Charlie Chaplin**

**Agradecimentos à amiga Andréa Porto Salles pela**  
**sugestão de título para esse cordel.**

**É vedada a reprodução, alteração ou comercialização**  
**sem a autorização do autor.**

**João Pessoa, Paraíba.**

Nosso mundo é desigual  
Não é difícil notar  
Conto os poucos bilionários  
Os que podem esbanjar  
Comum é faltar comida  
Dura, sofrida é a vida  
Gente a se desesperar!

Na régua da divisão  
Desequilíbrio é a lei  
Uns jogam pela janela  
Muito mais do que sonhei  
Fortunas, bens a exibirem  
Privam outros de existirem  
Refleti, quase endoidei

Sustentando grandes luxos  
Está a surrada natureza  
Gente, gente, transbordando  
Lavra a terra com rudeza  
Na ilusória infinitude  
Não é inocente a atitude  
De dividir só a pobreza

Explicando sua fortuna  
Afirmam que foi conquista:  
"O que lhe falta é coragem  
Deve ser mais realista  
Pois a posse é uma crença  
Deve ser bem mais intensa  
A marcha de um celetista"

É mérito sempre gritam  
"Fruto do trabalho meu!"  
O bacana no carrão  
Ou curtindo no museu  
Você sujo na oficina  
Com enxada na capina  
Procurando pelo seu

Toda vida de operário  
Como empregado de alguém  
É corrida sem repouso  
Cabeça baixa e amém  
Ensinado a ser sozinho  
Que é abrir um só caminho  
Ciscando cada vintém

Feito bicho no terreiro  
Mecânica catação  
Pouco nota ao seu redor  
Cumpre a determinação  
Penosa sina operária  
Sua reza hereditária  
Sem ampliar a visão

Fica o mundo dividido  
Uns têm, outros querem ter  
Trabalhar e juntar coisas  
Vira a razão de viver  
Mas os ricos que herdaram  
Com certeza escaparam  
De sufoco conhecer

“Foi mérito e recompensa!”  
Diz janota engomadinho  
Ao explicar seu sucesso  
Após suave caminho  
Mas com pedras e buracos  
Na morada nos barracos  
Padece um povo todinho

A regra do capital  
Dita: “Temos que lutar!  
Trabalhe, é a condição  
Para suas coisas comprar  
Aja e vá acumulando!”  
O mais apto vai ganhando  
Sem o outro considerar

Desde a simples refeição  
À segurança e escola  
Vai pensar somente em si  
Seu esforço é que consola  
Quem não dá conta se lasque  
Seu abacaxi descasque  
Mesmo vazia a sacola

A geração do presente  
Urbana e acelerada  
Sente o trabalho crescer  
E suar por quase nada:  
A casa onde morar  
E escola para estudar  
Vida toda endividada

Todo pobre desde jovem  
Aprende a regra operária:  
"Busque qualificação  
Pela paga monetária!"  
Muitos não veem problemas  
Um roteiro sem dilemas  
Rumo à urna funerária!

O mesmo despossuído  
Na estrada de pó e lama  
Horas anda até a escola  
É um simples panorama  
Predestinado à miséria  
Essa que é bastante séria  
Ninguém lhe vê, não tem fama!

Na cabeça iludida  
Pairam sonhos capitais:  
"No futuro fico rico  
Compro carro e nunca mais  
Criarei calos nos pés  
Vou mudar minhas marés  
Adeus tempos infernais!"

Antes disso acontecer  
Ele foi um militante  
Por transporte coletivo  
Batalhou como estudante  
Mas cresceu e se isolou  
No conforto se acalmou  
Esqueceu o semelhante

Outra pessoa foi lutar  
Por melhor educação  
A rede pública à míngua  
Em precária condição  
Organizou passeatas  
Juntou gentes tão sensatas  
Nada disso foi em vão

Gente brava companheira  
Com afinco em muitos anos  
Melhorou um bocadinho  
Repetiu mesmos enganos  
Pode agora dar aos filhos  
Pô-los em melhores trilhos  
Na escola dos urbanos



Paga então aos seus queridos  
A escola particular  
Tal se desaparecesse  
A pública do radar  
Que a cada dia desaba  
A qualidade se acaba  
Priva o pobre de estudar

Fazem você acreditar  
A entrar em uma corrida  
Armado para a disputa  
Na competição da vida  
Ensinam: "Deve vencer!"  
Absorto, crê merecer  
Vaga em terra prometida

"Você que vive cansado  
Prensado na lotação  
Seja engrenagem girando  
Sonhe com carro e avião  
Cuspa nos céus a fumaça  
Se nas ruas há desgraça  
Feche os vidros do carrão!"

É ruim para as cidades  
Tantas naves de metal  
Sobe o som, o condutor  
No trânsito infernal  
Gente rota nos sinais  
Parece nada demais  
Para um novo liberal

Se teve dores de doença  
Em precários hospitais  
Buscou por si resolver  
Trabalhou, correu bem mais  
Outra vez, Senhor Sistema  
Solucionou seu problema:  
“Nunca pense nos demais!”

Com estudo ou sem diploma  
Sua e paga pela doença  
Que decerto há de chegar  
O trabalho virou crença  
Como única solução  
Fetice e ocupação  
Ao nascer, já é sentença

Nota os hospitais ruindo  
Cenários tão aflitivos  
Tristes filas de agonia  
Feito bichos primitivos  
Que a seleção deletou  
Seu lado você sanou  
Como os mais competitivos

Junte sua grana e estudo  
Posto de bem sucedido  
Descanse no lar sonhado  
Ilha em mundo corrompido  
Quem nada pode comprar  
Tem o direito de estar  
Nesse mundo colorido

Mas agora sente medo  
De o pobretão lhe tomar  
No sufoco que ele passa  
Não deseja lhe roubar  
De uma ilha da fantasia  
Talvez tenha em demasia  
O que falta em outro lar

As cidades construímos  
Baseadas na distinção  
Os ricos em fortalezas  
Pobres na poluição  
Jardins, lagos, pedalinhos  
Os parques e cavalinhos  
São direitos de patrão

Muralhas e concertinas  
Cercam sorte capital  
Lá dentro jardins bem feitos  
Pé direito colossal  
Peles claras no deleite  
Pratos finos com azeite  
Não veem fome estrutural

Não é crime viver bem  
Ter teto e farta comida  
Mas é injusta a divisão  
Para a maioria sofrida  
Por tudo ter de pagar  
Até para respirar  
Nessa pena tão comprida!

Chega mais um mês de maio  
Você pensa como aguenta  
Ter chegado ainda vivo  
A completar seus quarenta  
Mas o corpo castigado  
Sente o fardo mais pesado  
Não crê chegar aos setenta!

Quando estiver quase morto  
Poderá se aposentar  
As prestações ainda deve  
Pelo canto de morar  
Mas você está contente  
Obedece sorridente  
Resta a alma a barganhar

Aos operários do mundo  
Imersos na solidão  
A grande farsa contada  
Funciona como empurrão  
Mais trabalho, sem lazer  
Tanto sonha merecer  
Que até vota no patrão!

Somos gente castigada  
Tal Patativa dizia  
Sobre dura ocupação  
"Só tem direito a dois dia  
O resto para o patrão"  
Suor, calo e privação  
Na toada da carestia

Aprendi no couro próprio  
Não adianta ser sozinho  
Se o próximo passa mal  
Não se chega a bom caminho  
O planeta é destruído  
Sufocado e poluído  
Por propósito mesquinho

Em círculo vicioso  
Não se freiam as potências  
Elas vislumbram no espaço  
Solução às negligências  
Pois a Terra não suporta  
Essa ideologia torta  
De capitais consequências.

**Contato com o autor:**

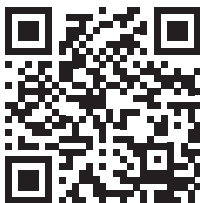
**fgumier@gmail.com**

**Instagram:**

**@fabianogumier**

**Que tal me ajudar a continuar esse trabalho  
comprando um folheto?**

**[www.gumier.com.br](http://www.gumier.com.br)**



**CORDEL**  
**A MERITOCRACIA É UMA MENTIRA!**

**AUTOR: FABIANO GUMIER COSTA**



**JOÃO PESSOA, PARAÍBA, 2023**